



## REVISÃO INTEGRATIVA SOBRE INTERVENÇÕES GRUPAIS EM ADOLESCENTES EM VULNERABILIDADE SOCIAL BASEADO PELA TCCG

Mariane Maia Brasil Faria<sup>1</sup>, Franciely Vitória Alves Fagundes<sup>2</sup>, Priscila Aparecida Rodrigues<sup>3</sup>

1. Estudante – curso de Psicologia; e-mail: mariane.m.faria@outlook
2. Estudante – curso de Psicologia; e-mail: franciellyfagundes@gmail.com
3. Professora – UMC; e-mail: priscilarodrigues@umc.br

**Área de Conhecimento:** Psicologia Social e Comunitária.

**Palavras - chave:** terapia cognitivo comportamental em grupo, intervenção grupal, promoção da saúde, psicoeducação, adolescente.

### INTRODUÇÃO

No aspecto comportamental à gestão de conflitos, os adolescentes, em sua maioria gera comportamentos impulsivos, que podem ser intensificados quando o adolescente não possui informações geradas no seio familiar, no âmbito escolar e na comunidade, deste modo, o adolescente busca em outros ambientes formas de gerir os seus conflitos, com isso, estão expostos a comportamentos disruptivos, como a violência, o uso de drogas, e no início da vida sexual precoce sem as informações corretas, ainda há outro agravador, a vulnerabilidade social. A TCCG (Terapia Cognitiva Comportamental em Grupo) pode ser utilizada em adolescentes em vulnerabilidade social sendo um modelo terapêutico focado nas crenças sobre si mesmo, sobre o mundo e a perspectiva futura no ambiente em que se encontram, levando a investigar a autoimagem, e suas mudanças no corpo, também tem como objetivo de fortalecer o individual e coletivo em sua qualidade de vida, sendo então um trabalho de treinamento/ orientação na psicoeducação que propõe mudanças saudáveis aos indivíduos em intervenções grupais.

### OBJETIVOS

O objetivo principal deste estudo foi analisar quais são os processos de intervenções grupais em adolescentes em vulnerabilidade social, bem como as consequências sociais que levam o adolescente para trabalhos de intervenções grupais de psicoeducação, investigar os aspectos psicológicos pertinentes anteriores e posteriores das intervenções realizadas, descrever os resultados da aplicação de técnicas psicológicas e discutir tais achados pelas teorias da TCCG.

### METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão integrativa de ordem quantitativa em saúde inclinada em intervenções comunitárias, que teve como objetivo analisar a relação sobre o tipo de estudo e seu efeito, ou causa e consequência, tendo o tempo como elemento diferenciador, e tem sua especificação no estudo ecológico que compara processos de instituições com o seu impacto em programas de promoção e prevenção de saúde, tendo sua amostragem não



probabilística já que o interesse é a obtenção de informações de alta qualidade. Os materiais utilizados na pesquisa foram artigos encontrados através de bases de dados com as palavras-chave: “terapia cognitivo comportamental em grupo” AND “intervenção grupal” AND (psicoeducação OR promoção da saúde) AND adolescente pelas plataformas da SciELO, pelo Periódico Capes e pela BVS. Os critérios de inclusão definidos foram: artigos publicados em português, artigos na íntegra que retratam a temática relacionadas em intervenções psicológicas em adolescentes em vulnerabilidade social e promoção de saúde e/ou psicoeducação como enfoque, trabalhos que utilizem a intervenção grupal em adolescentes. Os critérios de exclusão foram: artigos de revisão da literatura, cartas ao editor, monografias, teses, dissertações, e intervenções realizadas por profissionais da educação ou da saúde que não sejam psicólogos, presença de dados de grupos não etários da adolescência. Utilizou o protocolo para a extração de dados para a revisão integrativa com orientações qualificadas pelo *Revised Standards for Quality Improvement Reporting Excellence*, SQUIRE 2.0, que valida a melhoria e qualidade dos cuidados de saúde de acordo com os objetivos da pesquisa, a revisão na seção dos resultados destacou os achados e suas indagações, evidenciando também as lacunas e viesamentos, na seção de discussão analisou os artigos por meio da análise temática, método flexível e de modo integrativo em que se determina o conhecimento atual com a temática específica respaldado pela TCCG, com intuito de identificar, analisar e sintetizar resultados dos estudos independentes que abordaram o mesmo assunto, possibilitou assim, tanto o desenvolvimento do que já vindo sendo realizado, quanto o pensamento crítico da prática específica. As categorias de análise utilizadas foram: 1) ano de publicação; 2) caracterização da área específica da saúde à qual pertencem às publicações; 3) tamanho amostral utilizado para análise; 4) identificação dos principais instrumentos; 5) variáveis selecionadas para análise (tipos de intervenção, grupos de adolescentes em vulnerabilidade social, o intuito das intervenções focado na promoção de saúde mental, média de idade e de gênero; 6) verificação da avaliação realizada pelos autores em relação à qualidade dos dados utilizados; 7) identificação de eixos temáticos na discussão dos dados analisados.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Com base na pesquisa realizada, foram selecionados 10 artigos dos 89 artigos encontrados nas três bases de dados, com recorte temporal de 2006 a 2020, diante da leitura que evidenciou indícios que correspondiam ao tema de pesquisa. As intervenções grupais foram construídas e baseadas na psicoeducação para abordar recorrentes problemas de saúde pública, visando fatores de efetividade no indivíduo decorrente aos fatores de risco nos ambientes vulneráveis em que vivem, e em intervenções que promova qualidade de vida e que podem ser aplicadas em diversos contextos por profissionais de psicologia em grupo ou em duplas, no qual a amostra evidenciou diferentes tipos de metodologias das intervenções grupais 1) de controle: de avaliação psicológica para comparação do pré e pós-teste; 2) abertas: com os autores construindo as intervenções frente a tal demanda do adolescente e, 3) participativa: com os pais e educadores. Os instrumentos classificados como psicoeducativos, na sua maioria utilizou rodas de discussão, dinâmica/atividade e observação. A duração das intervenções variou-se entre oito semanas até dois anos, sendo aplicada semanalmente, e com o tempo de sessão em média de 70 minutos, aplicadas em adolescentes com idade entre nove a 19 anos. Os resultados se configuram em testes utilizados na reavaliação e avaliações ao longo das intervenções, por avaliação por medidas qualitativas de autorrelato e/ou *feedback*, e por análise do discurso.



As técnicas utilizadas para as intervenções foram conduzidas pelos próprios autores, com sua maioria sendo multidisciplinar focado na saúde mental do adolescente, em que os mesmos têm o respaldo qualificado em Psicologia do desenvolvimento (50%), Psicologia e de Ciências da Educação (30%). Avaliação Psicológica (10%), Políticas Públicas em Saúde Coletiva (10%), com as intervenções sendo avaliadas tanto como por uma reavaliação, com análise baseada em critérios (30%), quanto como em *feedback* dos adolescentes e participantes, com análises de forma implícita (holística) (30%), e também de caráter de observação ao longo das intervenções (40%). As intervenções foram aplicadas em um total de 310 participantes da amostra, além desta amostra, dois artigos não quantificaram os participantes, justificando que suas amostras eram participantes do sétimo ano de uma escola, e de outra, sua amostra eram alunos do ensino médio. O gênero feminino 31,6% (n=98) compõe um terço desta amostra, o gênero masculino apenas 16,1% (n=50), e que não distinguiram os gêneros, 52,2% (n=162). A maior demanda de consequências sociais que motivaram o encaminhamento de adolescentes para intervenções grupais, são de contextos escolares relacionados ao desenvolvimento humano, abordando sexualidade, comportamento emocional e autonomia, temas estes que precisam ainda serem mais discutidos, pois é um direito individual e coletivo discutir sobre igualdade e diversidade, pois este ainda é um desafio das democracias contemporâneas. O impacto das intervenções grupais em adolescentes e nas instituições apresentou mudanças entre os resultados observados em relação com a natureza das problemáticas emergentes de saúde pública, como evidenciado a minimização dos principais fatores de impacto de risco, tais como: a redução de sintomas psicológicos e alteração de crenças e percepções distorcidas, e o aumento dos principais fatores de impacto de benefício, sendo eles: a reestruturação de crenças de culpa, de baixa confiança e credibilidade; liberdade para se expressar; aumento de diálogos com pais e amigos que envolve o tema da sexualidade; favorecimento da busca por autonomia e da vida social, e capacidades de gerenciar conflitos nas intervenções grupais em adolescentes. Nos processos e resultados das intervenções grupais, evidenciou consequências não intencionais tais como a atribuição do desconhecimento sobre a Psicologia e a preconceitos relacionados à área da prática psicoeducativa 10%; baixo encaminhado e pouca aderência das redes públicas nas instituições de serviços especializados em psicoeducação e promoção de saúde 50%; a necessidade do aumento na duração do programa, maior que 10 sessões 10%, obtenção de maiores esforços para promover a participação e articulação tanto da escola como da família 30%. Em relação às negligências da atenção primária em saúde pública, evidenciou baixo encaminhamento e pouca aderência das redes públicas às instituições de serviços especializados em psicoeducação e promoção de saúde para adolescentes vulneráveis, com programas e sondagens longitudinais de impacto para o adolescente de forma efetiva, continuada e estendida, nos contextos familiares e educacionais. Bem como, trabalho multidisciplinar de equipe de saúde para dar atenção maior aos módulos dedicados às famílias e docentes e de forma integrada, sobre a importância de articulações políticas de saúde e de educação, nos territórios e centrada na escola, ambiente principal do adolescente em que estão com seus pares. O uso da psicoeducação em grupo possui muitas evidências científicas que confirmam sua efetividade sobre os problemas biopsicossociais, em comparação aos tratamentos individuais, trabalhar em grupos pode proporcionar resultados efetivos sobre adolescentes em vulnerabilidade social, pois oferecem ao adolescente a oportunidade de aprender com o outro, a se apoiar nos colegas do grupo, e tendo a redução do estigma e proporciona o aumento da autopercepção, autonomia. Sendo na teoria da TCCG, as realizações das intervenções grupais focado em psicoeducação e orientações, tendo conhecimento prévio dos participantes, com seu planejamento específico e o cuidado do pré e pós-testes para as sessões ocorrerem de forma ética e responsável, com o objetivo de mudança/ reestruturação cognitiva em adolescentes em relação às crenças distorcidas



apresenta sobre si mesmo, e durante as sessões ocorrem momentos de reflexões e *feedbacks* sobre os conteúdos abordados para verificar a compreensão dos adolescentes. Os artigos estudados respaldados na psicoeducação e na promoção de saúde mental em adolescentes em vulnerabilidade social aponta para futuras construções de demandas mais elaboradas de intervenções para essa população específica, podendo se nortear com a proposta apresentada na tabela abaixo.

<b>Proposta de intervenção grupal em adolescentes em vulnerabilidade social baseado pela TCCG</b>				
<b>Estudo preparatório da intervenção grupal</b>				
Avaliação de necessidades que define em um problema, sua extensão e o contexto em que ocorre, identificar os fatores de risco e de proteção para poder elencar metas para alcançar com as intervenções, analisar os determinantes motivacionais do público-alvo, pelo levantamento de dados desta população, o estudo do local mais adequado para aplicar as intervenções em que o grupo se identifique com seus pares.				
Triagem de indivíduos com as mesmas características e crenças que apresentam um mesmo problema e/ou sintomas, estando também aproximadas na idade e na escolaridade e sendo do mesmo sexo.				
<b>Construção da intervenção grupal</b>				
Planejamento das intervenções grupal baseado nas informações levantadas, com o objetivo delimitado e os resultados esperados, o desenvolvimento das intervenções e sua avaliação como uma pré-testagem.				
Adoção de estratégias de difusão das intervenções em grupo, com a inserção e divulgação dos setores que estão inseridos no contexto desta população, levando em consideração os aspectos ambientais, treinamentos de profissionais, adaptações das intervenções, das técnicas e dos materiais, sem perder a fidedignidade das intervenções, bem como a avaliação do planejamento das intervenções até aqui. Para a aplicação das intervenções, profissionais de saúde mental: terapeuta e co-terapeuta, e articulação com os familiares, educadores e comunidade.				
<b>Prática</b>				
<b>Sessão</b>	<b>Objetivo</b>	<b>Técnica</b>	<b>Instrumento</b>	<b>Tarefa</b>
12 sessões de em média 70 minutos, com aplicação semanalmente	Descrição de cada objetivo proposto em cada intervenção que englobe o objetivo principal.	Entrevistas, reavaliações, feedbacks qualitativos, autorrelatos, e observações.	Testes objetivos, atividades e/ou dinâmicas, rodas de conversa e reflexão.	Reflexões do grupo fora das sessões, como “autoterapia”, com o objetivo a autonomia e gerenciamento de conflitos.
<b>Acompanhamento longitudinal e integração dos ambientes</b>				
Programas e sondagens longitudinais de impacto para o adolescente de forma efetiva, continuada e estendida, nos contextos familiares e educacionais, bem como, trabalho multidisciplinar de equipe de saúde para dar atenção maior aos módulos dedicados às famílias e docentes e de forma integrada.				

## CONCLUSÃO

Fica evidente, em nossos resultados, que as intervenções grupais em adolescentes em vulnerabilidade social tenham sua centralidade na escola, sobre o tema de desenvolvimento humano e gestão emocional, e tais intervenções podem ser mais efetivas com a TCCG que abrange todo o processo da psicoeducação.

## REFERÊNCIAS

COELHO E. B. S. et al. Metodologia da pesquisa: trabalho de conclusão de curso – TCC. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis: UFSC, 2010. Disponível em: <<https://ares.unasus.gov.br/acervo/html/ARES/201/1/MOD%2019.pdf>>. Acesso em: 16 mar. 2021.

**REVISTA CIENTÍFICA DA UMC**

NEUFELD, C. B; PERÓN, S. A Terapia Cognitivo-Comportamental em Grupo com crianças e adolescentes: desafios e estratégias. Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente. 9:2 p. 233-246. 2018. Disponível em: <<http://revistas.lis.ulusiada.pt/index.php/rpca/article/download/2722/2953>>. Acesso em: 03 mar. 2021.

NEUFELD, C. B; RANGÉ, B. P. Terapia cognitivo-comportamental em grupos: das evidências à prática. Artmed Editora, 2017.

OGRINC. G; DAVIES, L; GOODMAN D; et al. SQUIRE 2.0-Standards for Quality Improvement Reporting Excellence-Revised Publication Guidelines from a Detailed Consensus Process. J Am Coll Surg. 222 p. 317-23. 2016. Disponível em: <<http://www.squire-statement.org/index.cfm?fuseaction=Page.ViewPage&pageId=515>>. Acesso em: 28 mai. 2021.

REIS, A. H. Impulsividade, delinquência e comportamento disruptivo: intervenção na adolescência. In: Neufeld, C. B. Terapia cognitivo-comportamental para adolescentes: uma perspectiva transdiagnóstica e desenvolvimental. Porto Alegre: Artmed, 2017.

SCHAEFER, R. et al. Políticas de Saúde de adolescentes e jovens no contexto luso-brasileiro: especificidades e aproximações. Ciência & Saúde Coletiva. v. 23, n. 9. p. 2849-2858. 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232018239.11202018>>. Acesso em: 28 mai. 2021.